

Fotos: Ana Dubeux/ CB/ DA PRESS

Há 16 anos, o projeto é patrocinado pela Caixa Econômica Federal e conta com o apoio do governo federal, por meio da Lei Rouanet. Nos primeiros anos, também recebeu o incentivo de instituições como a Confederação Nacional da Indústria (CNI). Ainda assim, os recursos estão aquém do necessário para garantir a necessidade de expansão da escola, que hoje atende cerca de 470 crianças e adolescentes. A sede da OCC funciona, inclusive, dentro de uma área do Exército.

Foi movido por essa esperança e sem desperdiçar a grande oportunidade que Antonino Tertuliano tornou-se um contrabaixista reconhecido, hoje na Filarmônica de Duisburgo, na Alemanha. “O nosso concerto de primeiro ano de aniversário foi feito no Teatro Santa Isabel; eu estava aqui. Vinte anos se passaram e ainda tenho a lembrança desse primeiro concerto. Voltar hoje é uma emoção muito grande; poder ver as novas gerações. E agora como professor é uma alegria, mas também uma responsabilidade muito grande”, diz.

Antonino espera que os novos integrantes possam entender, o mais breve possível, “o valor e a oportunidade que eles estão tendo de poder conhecer a música e tocar num teatro como o Santa Isabel”. “Olhando para a história, vejo o quanto a disciplina ensinada no projeto foi fundamental para me formar como cidadão, para evoluir passo a passo. Tive o prazer de realizar muitos sonhos e continuo em movimento”, conta. Um desses sonhos foi tocar para o papa Francisco há três anos. Ele foi um dos 25 alunos e ex-alunos da OCC a participar das apresentações do Concerto pela Paz no Vaticano.

Outra egressa do projeto que esteve presente nas comemorações dos 20 anos e no concerto para o papa Francisco foi Herlane Franciele, 31 anos. Ela diz que foi inesquecível tocar o hino da Argentina para o papa Francisco. Mas confessa certa predileção por outro público: “Um dos momentos mais marcantes da minha carreira foi quando eu toquei numa casa de repouso e, no fim, uma senhorinha veio me agradecer pela minha música e disse que fiz o dia dela feliz, pois o marido também tocava violino quando em vida”.

Independentemente do público, a música significa, para ela, “transcendência”. “A sensação que eu tenho ao tocar para um público, ou não público, é de transcendência. O momento no palco ou de estudo do violoncelo é meu momento de sair do mundo atual e adentrar o mundo dos compositores, e trazer isso à minha audiência é uma satisfação.”

Atualmente, ela vive nos Estados Unidos, é professora de algumas escolas públicas em Houston, também toca em casamentos e em algumas orquestras pelo Texas. No momento, se prepara para iniciar o doutorado em performance musical, com bolsa 100% paga pela Universidade de Houston.



O ex-aluno Antonino na celebração dos 20 anos da Orquestra ensaia no Teatro Santa Isabel

Ana Dubeux/ CB/ DA PRESS



Em alguns momentos, os alunos ensaiam ao ar livre embaixo das árvores